



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA  
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL



CYNTIA VIANA VASSELO

**Gênero e convivências em tempos de pandemia: relato de uma residente terapeuta ocupacional acerca das possibilidades de cuidado em um centro de convivência**

Campinas  
2021

CYNTIA VIANA VASSELO

**Gênero e convivências em tempos de pandemia: relato de uma residente terapeuta ocupacional acerca das possibilidades de cuidado em um centro de convivência**

Trabalho de Conclusão de Residência apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito à obtenção do título de especialista em saúde mental.

**Orientadora:** Dr<sup>a</sup>. Ellen Cristina Ricci  
**Coordenadora:** Rosana Onocko Campos

Campinas  
2022

## RESUMO

O Brasil atual é estruturado a partir de uma cultura machista e patriarcal que atravessa diversas vidas e vivências, para além disso, também temos um país com grandes desigualdades sociais e vulnerabilidades. Com o cenário pandêmico instalado no Brasil e no mundo nos anos de 2020 e 2021, muitos aspectos relacionados à convivência se modificaram e aquilo que já estava vulnerável, se fragilizou ainda mais, trazendo diversas crises para o país. A desigualdade de gênero, o machismo e patriarcado se intensificam nesse período e as mulheres se tornam uma das populações mais atingidas pela pandemia. Nesse trabalho de conclusão de residência, trago através de um relato de experiência, como esse cenário se manifestou e afetou minha prática durante minha residência, trazendo um foco maior no Centro de Convivência e os entraves da transformação do modo de conviver para as mulheres nesse período. A partir da minha vivência, discuto sobre o tema e trago como o Centro de Convivência e a terapia ocupacional têm trabalhado com essas demandas.

**Palavras-chave:** Centro de Convivência; Saúde Mental; Terapia Ocupacional; Convivência; Gênero; Pandemia; Covid-19; Violência; Residência Multiprofissional.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>4</b>
<b>2. OBJETIVO E MÉTODO.....</b>	<b>8</b>
<b>3. DISCUSSÃO E RELATO DE EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>10</b>
3.1 “É impossível conviver com eles”.....	10
3.2 Centro de Convivência e a pandemia .....	12
3.3 As Mulheres que correm juntas. ....	14
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## Introdução e justificativa

Esse relato de experiência foi construído a partir das vivências de uma terapeuta ocupacional (TO), formada pela Universidade Federal de São Carlos, que ingressou no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da UNICAMP em 2020 com término previsto para fevereiro de 2022.

Quando inicio esse processo de tornar-se residente, não lido apenas com questões e inseguranças já esperadas ao se mudar de cidade, sem os pais, para realizar minha primeira atuação como terapeuta ocupacional, durante uma pós graduação. Além dessas mudanças, foi no início da residência, em março de 2020, que a pandemia de coronavírus se iniciou no Brasil, modificando cotidianos, convivências, vivências, prioridades, e, conseqüentemente, a minha experiência na residência.

Durante essa experiência pandêmica da residência atuei no CAPSij Carretel (2020) e no Centro de Convivência Rosa dos Ventos (2021). A partir dessas vivências singulares, uma das questões que me atravessaram foi a de como tem se dado as convivências das mulheres participantes do centro de convivência em tempos de distanciamento físico/social e quais são as possibilidades de cuidado/promoção em saúde mental.

Trago esse tema pois ele abarca grande parte daquilo que me tocou no processo. Gênero e convivências em tempos de pandemia é um tema que me chamou a atenção durante a minha passagem dentro dos serviços de saúde, sendo no Centro de Convivência onde essa discussão se deu mais intensamente.

O tema foi decidido ao pensarmos na pertinência dentro da minha trajetória na residência e na necessidade de produções sobre centros de convivência e terapia ocupacional, principalmente nesse contexto singular da pandemia.

Os Centros de Convivência (CECOs) ou Ceccos (Centros de Convivência e Cooperativas) são serviços do SUS (Sistema Único de Saúde) que surgem durante a Reforma Psiquiátrica no final da década de 1980. Isso ocorre quando há uma reestruturação da rede de atenção à saúde, que modifica as ações dos serviços existentes e implanta novos espaços de cuidado como o CECO e os Hospitais-Dia, compondo e estruturando uma rede extra-hospitalar. (GALETTI, 2004)

Os Cecos são pensados para promover a circulação, inclusão, socialização e encontros entre a comunidade em geral, utilizando estratégias como oficinas,

grupos e ações comunitárias com o foco em trazer uma convivência com a diversidade nesses espaços. Para isso, são desenvolvidas oficinas que utilizam arte, esporte, dança, teatro, artesanato, práticas integrativas entre outras atividades. (ALEIXO e LIMA, 2017)

Desse modo, é possível promover nesses espaços um cuidado que vá além da remissão dos sintomas, explorando a potência e subjetividade de cada convivente, produzindo trocas, aprendizados e experimentações. As pessoas que acessam o Ceco, denominados aqui como “conviventes”, chegam ao serviço de diversas formas, seja através de equipamentos da saúde, assistência ou por demanda espontânea, chegando pessoas do território, de outros bairros ou até de cidades próximas.

Além dessas características, o Ceco é um espaço aberto para todos, com o objetivo de trazer a diversidade aos encontros, com crianças, adolescentes, adultos, idosos, LGBTQIA+’s, pessoas em sofrimento mental, em situação de rua, com algum diagnóstico em saúde ou não. Essa configuração se torna fundamental para o exercício da convivência, experimentação, troca e inclusão no serviço. (ALEIXO, 2021)

Ferigato (2013), traz um pouco sobre esse equipamento:

“Problematizando essa concepção de inclusão, entendemos que os Cecos podem fazer mais do que “incluir pessoas excluídas” os Cecos têm fabricado novos modos de sociabilidade, ou formas de sociabilidade alternativa, da qual todos nós estamos excluídos, na medida em que todos nós somos privados pelo projeto neoliberal de sociedade de viver um modo de convivência que valorize a ação coletiva” (Ferigato, 2013, p. 101).

Os terapeutas ocupacionais fazem parte da equipe que compõe esse serviço. A profissão vem contribuindo de forma importante, pois nela existem fundamentos que vêm de encontro com a proposta dos cecos, sendo uma profissão que estuda e faz o uso das atividades, mas não apenas delas, como recurso para promoção de saúde, autonomia, inclusão social, entre outros objetivos que podem ser traçados. (LOPES, 2002)

O Centro de Convivência Rosa dos Ventos, onde atuei, foi fundado em 2005, na região sul do município de Campinas, a partir do Caps III da mesma região. Inicialmente o espaço ganhou o nome de Casa-escola Rosa dos Ventos devido sua parceria com a Fumec (Fundação Municipal para Educação Comunitária). É

somente após o fortalecimento da política dos cecos no município, que o local passa a ter uma equipe própria e recebe o nome de Centro de Convivência Rosa dos Ventos. (ALEIXO, 2016)

Atualmente, a equipe é composta por 4 profissionais e uma gestora, sendo as especialidades: terapeuta ocupacional, psicóloga, auxiliar de limpeza e monitora artista. Diversas oficinas funcionam no serviço, como por exemplo: dança do ventre, movimento vital expressivo, yoga, poesia dos corpos, jogos e conversas, expressão artísticas, geração de renda, cineclube, entre outras.

Início minha atuação nesse serviço no começo do ano de 2021, e para contextualizar o cenário brasileiro deste ano e todas os atravessamentos sofridos em minha prática, trago um pouco de como a pandemia se instalou e seus reflexos na população alvo deste relato.

Desde 2020, o Brasil e o mundo passam por um pandemia de coronavírus, onde a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolve políticas que estabeleçam o distanciamento social para controle da disseminação do vírus e determinam o isolamento social preventivo. Além disso, diversos municípios optam pelo fechamento de vários serviços, mantendo apenas serviços essenciais em funcionamento. Os serviços de saúde determinam estratégias e protocolos para manter o atendimento de modo seguro.

Todas essas medidas impactam a sociedade como um todo e opiniões diversas sobre como lidar melhor com essa pandemia dividem a população. Tendo apenas um discreto auxílio do governo para os mais pobres, a grande maioria da população não consegue se beneficiar dessas medidas preventivas, pois necessitam trabalhar para garantir o sustento da família, sem o luxo de se manter em casa.

Aline Zacchi e Juliana Aleixo, ambas terapeutas ocupacionais que trabalham no Ceco Rosa dos Ventos, sendo a Juliana gestora, trazem em suas teses, o quanto foi se evidenciando diversos pontos falhos da nossa sociedade, nesse cenário pandêmico. Foi possível observar desigualdades de gênero, raça, classe, geopolíticas e econômicas que se intensificaram, ao mesmo tempo que o caos e o medo dominaram o mundo. Todo o tipo de falta foi escancarada. (ALEIXO, 2021) (FARIAS, 2021)

A desigualdade de gênero é uma pauta que aparece frequentemente nesse período, e nos serviços que atuei, não foi diferente. A necessidade de permanecer em casa para conter a disseminação dos vírus, trouxe vários desdobramentos na

sociedade. Além disso, devido a alta demanda do sistema de saúde para conter o avanço da pandemia, muitos serviços sofrem com fechamento ou redução de carga horária e sucateamento, incluindo locais de cuidado e saúde.

Muitas mulheres que estão inseridas em relacionamentos violentos, tóxicos e abusivos, para garantir sua sobrevivência e proteção, seguem as normas de isolamento e permanecem em casa, se colocando em risco em um lugar que, supostamente, deveria ser sua proteção do caos da pandemia. Elas passam a ficar em tempo integral com seu agressor, e desse modo, as violências domésticas aumentam de modo significativo. Desse modo, a crise sanitária, econômica e social que se instaurou no país devido a pandemia, para muitas mulheres, foi sinônimo de aumento no risco de violência doméstica com uma intensificação do trabalho doméstico e do cuidado com crianças, idosos e familiares doentes.

Segundo o painel de dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, no primeiro semestre de 2020, foram registradas 118.534 denúncias de violência contra a mulher, tendo um salto importante de denúncias de fevereiro para março.

Além disso, serviços de apoio e proteção a mulheres, crianças e adolescentes no Brasil também registraram um aumento no número de casos de abusos, violências, negligências, entre outros atos que violam os direitos dessa população. Também é observado nesse período, uma menor visibilidade para essas situações, uma vez que tantas outras questões graves apareceram. (MARQUES et al, 2020)

Marques et al 2020, ainda pontua que em casos de violência doméstica contra a mulher, na maioria das vezes, também há registro de violência contra crianças e adolescentes, apontando que o fechamento ou diminuição da carga horária de tais serviços da rede, também contribuíram para os agravamentos citados, uma vez que em muitos casos, o serviço representa o único ponto de apoio.

Toda essa conjuntura, não se reflete apenas em serviços da rede de assistência. A rede de saúde, principalmente os equipamentos do SUS, testemunham os reflexos disso em seus serviços. No decorrer deste trabalho trago um dos pontos que mais se destacaram em minha trajetória e atuação durante a residência.

## **Objetivo**

O objetivo deste trabalho foi relatar as convivências entre mulheres participantes de um centro de convivência e uma residente terapeuta ocupacional em tempos de distanciamento físico/social e as possibilidades de cuidado/promoção em saúde mental.

## **Método**

Este estudo tem um desenho qualitativo, descritivo em formato de relato de experiência, construído a partir da minha vivência no Ceco Rosa dos Ventos durante a pandemia. A análise foi realizada por anotações, reflexões e discussões acerca de oficinas, acolhimentos e atendimentos individuais realizados nesse período no serviço.

Para a fundamentação teórica, foi realizado um breve levantamento bibliográfico para verificar o estado do tema que pretendemos abordar. Realizamos a busca nas plataformas Scielo e BVS e utilizamos os descritores “saúde mental”, “centro de convivência” e “terapia ocupacional”, selecionando como intervalo os últimos 5 anos.

Ao utilizarmos os três descritores juntos os resultados foram escassos, resultando em apenas dois artigos na plataforma BVS e nenhum na Scielo. Desse modo, realizei outras combinações com os descritores, porém mesmo associando saúde mental e terapia ocupacional com o centro convivência, os resultados aproveitáveis para esse estudo foram poucos. Vale ressaltar que selecionei apenas artigos que relacionassem os três tópicos. Diante disso, também realizei uma busca utilizando apenas “Centro de Convivência” como descritor. Os resultados foram esquematizados na tabela abaixo:

Descritores	BVS	SCIELO	Artigos selecionados
Terapia Ocupacional AND Centro de Convivência AND Saúde Mental	2	0	1
Terapia Ocupacional AND Centro de Convivência	2	0	1
Terapia Ocupacional AND Saúde Mental	1	5	0
Centro de Convivência AND Saúde Mental	0	1	1
Centro de Convivência	123	71	3

Com base na tabela foi possível perceber que embora tenha 123 resultados sobre Centro de Convivência, ao adicionarmos o termo “saúde mental” ou “terapia ocupacional”, os resultados diminuem de forma significativa. Durante a busca, escolho selecionar os artigos que estão de alguma forma relacionados com gênero, terapia ocupacional e a pandemia, que são os temas principais a serem abordados nesse trabalho.

A partir desses resultados foi possível visualizar um dos motivos da produção acerca desses temas serem tão necessários. Filtrando a busca para os últimos 5 anos, temos poucas produções que relacionem os temas. Em vista disso, este relato de experiência se torna uma produção pertinente.

## **Discussão - Relato de Experiência**

### **“É impossível conviver com eles”**

Início o relato de minha experiência, realizando um recuo temporal na minha primeira vivência como residente no CAPSij Carretel, para melhor compreensão do processo como um todo, até o tema escolhido para esse trabalho.

No primeiro campo da residência, no CAPSij Carretel, um dos primeiros casos que acompanho é o de dois adolescentes, gêmeos, com inúmeras questões de vulnerabilidade social e que foram abrigados por se colocarem em risco e também colocarem familiares, a partir de brigas violentas. Nesse caso, eu me aproximo da família e da mãe desses meninos.

Foi a partir dos atendimentos dessa mãe, que o caso foi sendo esclarecido, ela coloca diversas violências que vem sofrendo no decorrer de sua vida, dizendo muito de como o patriarcado e machismo tem afetado sua vida. Ela relata ter presenciado violência doméstica, ter sofrido violência de seu pai e presenciado traições, entre outras brigas violentas em que o mesmo se envolvia. Saindo de casa na adolescência, em seu segundo relacionamento, ela se torna mãe de um menino, e em seu terceiro relacionamento, engravida de uma menina, e após 10 anos, dos gêmeos.

Sua terceira gestação acontece de modo indesejado, pois descobre a gravidez em um momento delicado de seu relacionamento, devido às traições do marido. Eles não se separam pela gravidez e o relacionamento vai se tornando cada vez mais abusivo, relatando sofrer violência física e psicológica de seu marido. Seus filhos presenciaram tais agressões, assim como ela presenciava em seu passado. Ela e seu marido eram usuários de substâncias, mas ela conta que cessou o uso por conta dos filhos, porém o marido não conseguiu parar totalmente com esse uso.

Durante os atendimentos ela conta como a pandemia afetou a convivência com os filhos e marido. Os gêmeos, que são os filhos mais novos do casal, são os únicos que permanecem na casa dos pais atualmente, e devido a isso, também sofrem muito com o cenário pandêmico. Em casa, eles ficaram mais agressivos e irritados, sem escola ou contraturno. Ela também perdeu o emprego e a situação

financeira piorou a ponto de faltar itens básicos para a família. Além disso, seu marido intensificou o uso de substâncias e álcool, e conseqüentemente, as agressões físicas se tornaram mais frequentes.

O fato dos filhos também correrem riscos com o agressor, é algo que pode impossibilitar ainda mais a busca por ajuda para algumas mães. Porém, nesse caso, além dos meninos também sofrerem com a agressão do pai, eles também passam a se relacionar com a mãe, por meio da violência, e essa mãe passa a sofrer agressões físicas e psicológicas de todos os homens da casa. As brigas entre os gêmeos também se intensificam, ficando cada dia mais violentas.

Inclusive, é após uma agressão grave entre os gêmeos, que eles são abrigados. E, dentro do abrigo, eles se agredem novamente e são colocados em dois abrigos diferentes. Após o abrigamento, a vida dessa mãe se modifica completamente. Os filhos que ao mesmo tempo pedem para ficar com a mãe, a agredem durante as visitas. Muitas vezes, ela trazia o quanto estava difícil a convivência e que sua casa não parecia mais um lar, relatando várias depredações, além do fato de não se sentir segura ali.

Essa família, fora da pandemia, já tinha um histórico de um ciclo de violência importante nas gerações passadas, que foi sendo transmitida de alguma forma, de geração em geração, portanto, essa mãe já havia passado por situações de violência doméstica. Porém, assim como para muitas mulheres, a pandemia agravou ainda mais as dificuldades já existentes.

Os gêmeos passaram a realizar acompanhamento no CAPSij, após o abrigamento, que coincidiu com a minha entrada no serviço. Acompanho esse caso durante um ano, sendo esse um dos casos que mais mobilizaram a equipe como um todo. Esse caso, entre muitos outros, foi para mim, aquele que mais escancarou como a vulnerabilidade social foi intensificada durante a pandemia, tendo ainda diversas particularidades e agravamentos quando se tratava de mulheres.

Durante minha atuação, consigo identificar no serviço, a quantidade de casos que permeiam situações de violência transgeracional, com importante agravamento na pandemia, sendo as maiores vítimas, as mulheres. Casos de

abusos sexuais, físicos, psicológicos, assédios, violência doméstica e dificuldades emergentes de convivência como um todo.

É a partir desse caso e de outros, ainda durante minha atuação no CAPSij, que o tema gênero e pandemia começa a ter importante relevância em minha prática profissional. Porém, é no Centro de Convivência que isso se destaca ainda com mais força, pelo viés da convivência em tempos de pandemia.

### **Centro de Convivência e a pandemia**

Minha entrada no Centro de Convivência se deu no final do mês de maio/2021, ainda durante a pandemia. Para entendermos melhor como essa situação afetou minhas vivências no serviço, realizo uma breve contextualização de aspectos da nossa sociedade que refletem nessa experiência.

Desde o início da pandemia, diversas realidades foram modificadas e/ou agravadas, e para além de o que uma pandemia causa no mundo, no Brasil, ainda vivenciamos, no mesmo período, uma crise do sistema político, de saúde e de ensino. Tivemos diversos retrocessos em políticas públicas e direitos atacados pelo governo Bolsonaro e toda sua rede de *fakenews* (GOMES E ARAÚJO, 2020)

Mesmo anteriormente a pandemia, no mundo, 3,4 bilhões de pessoas já viviam em situação de pobreza, tendo dificuldades de acesso à itens básicos como saneamento, água potável, eletricidade, educação e saúde (WORLD BANK GROUP, 2018 apud FARIAS e LEITE, 2020) No Brasil, a situação não é diferente, ainda temos diversas barreiras de acesso básicas, sendo um dos países mais desiguais do mundo (PIRES, CARVALHO e XAVIER, 2020).

Para aqueles que vivem nesse cenário limitante, conseqüentemente, não conseguem ter vivências de atividades significativas individuais ou coletivas, pois, em nosso cotidiano, necessitamos dessas condições básicas para simplesmente manter a vida. Todos esses aspectos, em situações de crise, como em uma pandemia, fazem com que a população mais vulnerável fique mais passível a ter a doença de forma mais grave e vir a óbito (FARIAS e LEITE, 2020).

A relação entre epidemia/pandemia e vulnerabilidade social é algo que já foi estudado em outras situações de crise mundial, como na gripe espanhola e H1N1.

Com esses estudos, foi possível constatar que as desigualdades sociais são fatores determinantes que contribuem para elevar a taxa de transmissão, além de agravar as doenças (PIRES, CARVALHO e XAVIER, 2020).

Além disso, a PNS de 2013 constatou que 54% das pessoas com fatores de risco e 42% das pessoas com doenças crônicas, possuem baixa escolaridade, sendo que a baixa escolaridade é mais incidente em pessoas que pertencem à camada mais pobre da sociedade. A população negra brasileira, que também ocupa essa camada, foi uma das populações mais atingidas pelo vírus, sendo que entre 11 a 26 de abril de 2020, o número de pessoas negras que morreram por COVID-19 no Brasil, aumentou em cinco vezes.

É o sistema único de saúde (SUS), que organiza as principais redes de apoio para o enfrentamento da COVID-9, porém, foi encontrado diversas dificuldades para que essa tarefa tão importante fosse realizada satisfatoriamente. Devido a falta de investimentos, a situação precária do SUS se evidencia ainda mais nesse momento de pandemia. Falta recursos humanos, treinamento de profissionais, equipamentos e outros recursos (BARROS et al, 2020).

Entre os usuários do SUS, segundo a PNS de 2019, há um predomínio de mulheres, crianças, pretos e pardos com baixa escolaridade e renda. O Ceco, por ser um equipamento idealizado a partir das diretrizes do SUS e que compõem a Rede de Atenção Psicossocial da cidade, traz como uma das características de sua população inserida, uma intensa utilização do SUS e a SUS dependência em diversos casos.

O serviço também sofreu com os aspectos citados, sendo isso ainda mais intensificado por não compor a linha de frente de combate a covid, onde foram direcionados os maiores investimentos. Devido a isso, para o Ceco funcionar durante a pandemia e voltar a realizar grupos, tivemos diversos desafios.

Apesar disso, é nesse serviço, já em 2021, que tenho a primeira oportunidade de acompanhar grupos e oficinas que estavam retornando após uma melhora no cenário pandêmico. Todos os grupos foram realizados seguindo as normas sanitárias, com distanciamento social, uso de máscaras, álcool em gel, termômetro, em espaços abertos com controle de entrada. Seguindo todas as

medidas impostas pela vigilância sanitária e com toda a mudança do mundo, a convivência foi se expressando de diversas formas inusitadas, trazendo outras discussões, demandas e trocas.

Muitas dessas medidas, dificultaram muito a realização das oficinas e do funcionamento do centro de convivência como um todo, pois esse equipamento é um serviço que se baseia em diversidade, acolhimento, afeto, trocas, conversas, atividades grupais, em grupo, entre outros aspectos que exigem proximidade. Então, como seria possível promover a convivência em tempos de distanciamento social?

Muitas reuniões e supervisões foram realizadas a fim de responder essa e outras questões. Durante toda a vivência da equipe, sendo esta uma equipe composta totalmente por mulheres, foi destacado nas discussões, aspectos relacionados ao gênero e a demanda que estávamos encontrando no serviço.

### **As Mulheres que correm juntas**

Uma das primeiras oficinas que acompanho no serviço é a “Alcateia”. Para contar um pouco dessa oficina, se faz necessário retomar uma antiga oficina que ocorreu anteriormente à minha entrada no serviço, chamada “cuidando de si”. Angeles e Aline, profissionais do Ceco, se baseiam nas demandas reconhecidas pela equipe e realizam encontros para pautar o autocuidado.

A oficina é finalizada com grande sucesso, e após ela, as profissionais discutem para organizarem outro espaço para as mulheres conviventes. É a partir das demandas coletadas nesse primeiro grupo que as profissionais idealizam a oficina “Alcateia”. Elas se baseiam em um conto do livro “As mulheres que correm com os lobos” nomeado “os três cabelos de ouro” para construir a oficina.

Elas planejaram levar um disparador a cada encontro, sendo o disparador inicial o próprio conto que inspirou a construção da oficina e seu nome. O conto “três cabelos de ouro” é interpretado por Flávia Criss (2012) em seu blog, e é com essa interpretação que o texto é levado. Irei trazer aqui, um pouco sobre esse conto norteador para melhor compreensão daquilo que foi discutido.

O conto diz de um homem, velho, que caminha por uma noite escura em uma floresta, totalmente sem forças e debilitado, que, ao entrar em uma casa,

encontra uma velha, que com muita calma, o embala e renova suas forças. A senhora, sábia, embala e acolhe com uma intensidade, que esse velho rejuvenesce e se torna uma criança, que sai voando pela floresta ao final.

Flávia Criss relaciona esse conto com todas as mulheres de nossa sociedade que, por muitas vezes, estão exaustas de tudo, necessitando do apoio de outras mulheres para se renovar. Trago aqui uma estrofe do texto:

“No final, porém, a mulher precisa descansar agora, ser embalada, recuperar seu rumo. Ela precisa rejuvenescer, recuperar sua energia. Ela acha que não pode fazer isso, mas pode sim, pois o círculo de mulheres, sejam elas mães, alunas, artistas ou ativistas, sempre se dispõe a suprir a falta das que saem de licença.” (CRISS, F., 2012, p.1)

A partir da leitura desse conto, as mulheres participantes compartilham um pouco de suas histórias e rotinas por vezes exaustivas. No decorrer dos encontros, foi levado para esse grupo, diversos disparadores que foram pensados de acordo com as demandas emergentes de cada encontro.

É levado outros contos, textos como disparadores, porém trouxemos também algumas atividades e práticas. Foi realizado em um encontro, um escalda-pés com as mulheres participantes, que trouxe muito sobre autocuidado e despertou várias discussões acerca do tema. No último encontro, finalizamos a oficina assistindo o curta-metragem “vida maria”, que promoveu uma discussão acerca dos ciclos e etapas da vida, resgatando memórias, antepassados, costumes e diversos aspectos que ao decorrer da vida da mulher se transformam, de acordo com cada época vivida.

Durante os encontros, percebo como cada disparador trazido, toca de forma diferente cada uma das 4 mulheres participantes, dependendo do tema a ser discutido, alguma se emociona, outra traz diversos relatos, enquanto outra permanece em silêncio. Em cada encontro, cada mulher ali, protagoniza um papel diferente do encontro passado. São mulheres de personalidades diferentes, extrovertidas, introvertidas, tímidas, falantes, mulheres adultas e idosas. Nesse grupo, já começam a aparecer algumas dificuldades específicas da mulher na sociedade e que foram agravadas pela pandemia.

Elas pontuaram durante os encontros, diversos desafios a pandemia, entre eles, ser convocada pela família diversas vezes para resolução de problemas, o cuidado dos filhos durante tempo integral, a convivência intensa com o marido, a solidão de ser uma mulher solteira e sozinha em uma pandemia, a dificuldade de se cuidar e ir ao médico nesse período, entre outros.

Para além do grupo “Alcatéia”, devido a pandemia, estavam sendo realizados alguns acolhimentos e acompanhamentos mais individuais. Nesse formato, algumas mulheres chegaram ao serviço, a partir de sofrimentos singulares desse período.

Esse é o caso de R., que chega ao serviço e conta em seu acolhimento que teve sua vida totalmente modificada na pandemia. R. diz estar passando por uma crise depressiva, mas durante o acolhimento ela relata viver em um relacionamento abusivo, onde é abusada psicologicamente por seu esposo.

Ela conta ser extremamente difícil conviver com seu marido, principalmente depois que ambos passaram a ficar mais tempo dentro de casa. Os abusos psicológicos e brigas se tornaram constantes e R. tem passado o dia inteiro na rua, indo para casa apenas para dormir. R. mobiliza toda a equipe diante seu relato, e ela passa a frequentar o Ceco sempre que possível, e em uma semana, ela já demonstra uma melhora significativa.

Durante os encontros no Ceco, R. traz que estar no Ceco, conversando, realizando atividades, conhecendo novas pessoas e convivendo, tem feito grande diferença em sua rotina. Ela traz que tem conseguido recuperar sua energia, e tem se sentido mais disposta para realizar hobbies que antes, não praticava mais, como costurar. Toda semana, R. trazia para o Ceco alguma peça que tinha acabado de costurar, sempre nos agradecendo por ter ajudado ela nessa fase mais difícil.

Porém, R. inicia com um discurso dizendo que seu marido não gosta quando ela frequenta o serviço, e tem pedido para ela não ir mais. É realizado um acolhimento com ela nesse momento, e é combinado com ela, que nos dias que ela não puder vir até o serviço, que estamos disponíveis via telefone e celular. E assim, ela faz.

Em uma das semanas, após um mês frequentando o serviço, R. liga para nós, aos prantos, não conta exatamente o que aconteceu, mas diz que não vai ir ao serviço naquele dia. Convido ela para comparecer nos próximos dias, assim que possível, e ela aceita. Porém, infelizmente, desde essa ligação, R. não compareceu mais no serviço. É retornada a ligação, ela diz estar melhor e conta que havia tido uma briga naquele dia. Após essa semana, R. não tem atendido as ligações e não tem comparecido ao Ceco.

Esse caso nos traz como a pandemia também afetou a vida diária, especialmente dentro da casa de cada um. Foi imposto nesse período, que esse ambiente se tornasse multifuncional, o que modificou a relação dos moradores com o lugar e também com os outros moradores (FERREIRA, 2020).

Ao passar grande parte do tempo em casa, muitas mulheres passaram a ficar mais tempo com seus maridos e família. Porém, quando há um agressor na casa, o fato da mulher permanecer de modo intensivo com seu agressor, aumenta significativamente a chance das agressões realmente acontecerem. Além disso, o isolamento, também acarretou um menor contato da mulher com seus amigos, famílias, serviços ou qualquer rede de apoio. Ainda temos os casos de mulheres de baixa renda que residem em casas pequenas, com várias pessoas, o que reduz a chance da mulher realizar uma denúncia de modo seguro (MARQUES et al.,2020).

Tais situações, geram na mulher uma insegurança generalizada, que também contribui para o encorajamento dos abusadores, que exercem cada vez mais poder e controle sobre elas. (MARQUES et al.,2020) Segundo um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), a violência contra a mulher tende a crescer em períodos de emergência como em epidemias e pandemias, sendo os principais alvos aquelas que dentro desse grupo já vulnerável, possuem outros aspectos interseccionais, como idosas, mulheres com deficiência, refugiadas e negras (BRASIL, 2020).

Outro fator a ser destacado é o financeiro, pois, uma vez que o trabalho informal foi impossibilitado, a dependência financeira também aumentou. Infelizmente, esse é um fator de muita relevância para diversas mulheres conseguirem ou não realizar o rompimento da relação (MARQUES et al.,2020).

Todas essas particularidades já citadas, acarretam também um sofrimento psíquico. Em um estudo realizado por Zanello, Fiuza e Costa (2015, p. 245), concluiu-se que “as questões geradoras de sofrimento psíquico têm sua base nos estereótipos de gênero”. Eles trazem no trabalho que, nas entrevistas realizadas com usuários de um CAPS em Brasília, muitas falas de mulheres dizem de sofrimentos gerados pelo casamento, maternidade e relacionamentos amorosos, destacando um intenso silenciamento dessas mulheres e a dependência da aprovação de terceiros para sua própria valorização. Por outro lado, no caso dos homens, o que se notou foi um discurso relacionado à virilidade e trabalho (ZANELLO, FIUZA e COSTA, 2015).

Os grupos de mulheres e outros casos como o de R., me mobilizaram e, a partir disso, tenho discutido nos espaços de preceptoria e reunião de equipe como essa problemática vem aparecendo nos serviços de saúde e no Ceco, mais especificamente. Durante o ano, esse tema me mobiliza de tal forma, que, logo após o encerramento do grupo “Alcateia”, venho idealizando um outro espaço grupal de cuidado e trocas acerca das vivências da mulher atualmente.

Durante a construção desse grupo, reflito sobre a importância de um espaço exclusivamente para mulheres durante todo o ano no CECO. Maximino e Libermann (2105), trazem a importância do grupo para as mulheres e diz que esse gênero tem sido culturalmente visto como não detentor de autonomia, sendo associado a fragilidade, pouca capacidade de produção e descontrole emocional. Desse modo, quando utilizamos o dispositivo grupal para o cuidado dessas mulheres, conseguimos produzir rupturas nas subjetividades femininas que foram arquitetadas pelo sistema patriarcal e capitalista (MAXIMINO e LIBERMANN, 2015).

Além disso, na história do feminismo, os grupos de mulheres têm sido um dispositivo muito utilizado como estratégia, fomentando discussões sobre como trabalhar as questões de gênero. Essa estratégia, representa também uma forma de construir resistência, gerando forças interacionais internas que produzem uma sustentação, apoio e fortalecimento sócio emocional, gerando uma participação efetiva e a construção de uma individualidade crítica (MENEHHEL et al, 2000 apud MAXIMINO e LIBERMANN, 2015).

Início o planejamento da oficina em preceptoria e aos poucos ela ganha forma. A proposta foi construída no formato de círculo de mulheres, com encontros quinzenais, trazendo algumas técnicas do Dragon Dreaming, que é considerada uma tecnologia social de design de projetos, podendo ser aplicada a pessoas, grupos, projetos ou organizações. Essa filosofia se baseia em diversas teorias, trazendo elementos da cultura nativa/arborigene, pedagogia de Paulo Freire, teoria de sistemas vivos, física quântica, teoria do caos e da complexidade (BLANKE, 2014).

Essa tecnologia possibilita um olhar para os sonhos, e com isso, conseguimos trabalhar com os sonhos de cada mulher, tanto para sua vida pessoal quanto para o serviço ou oficina. Com isso, seria possível construir uma oficina a partir das demandas e vontades.

O convite é realizado a todas as conviventes do Ceco, e a princípio, diversas mulheres se interessam, porém no primeiro encontro apenas duas comparecem. Trabalhamos um pouco acerca dos sonhos dessas mulheres, abarcando os mais diversos sonhos, primeiro, em relação a vida pessoal de cada uma, e após, em relação ao espaço da oficina.

É realizado nos primeiros encontros, um apanhado de sonhos, onde escrevemos cada um de forma simplificada, com palavras chave, em um cartaz. Durante essa atividade, muitos sonhos que apareceram eram comuns a todas as mulheres, outros nem tanto. Fomos discutindo acerca de algumas pautas que apareceram durante o círculo a partir dessa atividade.

Alguns sonhos que apareceram: tempo para autocuidado; sentir menos culpa; independência financeira; sentir menos medo... entre outras. E, para podermos nos apoiar como mulheres e fortalecer-nos, para estarmos cada vez mais perto desses sonhos, pensamos juntas, como a oficina poderia estar ajudando, de alguma forma, em cada sonho.

No segundo encontro, uma terceira mulher participa do grupo e retomamos um pouco dos sonhos com ela também. E, cada uma trouxe um sonho para essa oficina, alguma atividade, aula, assunto, que elas gostariam de ver na oficina. Assim,

combinamos de realizar um piquenique, um dia de autocuidado, uma aula de dança, entre outras atividades.

Essa oficina tem como coordenadores três terapeutas ocupacionais, uma estagiária, a profissional do serviço e eu, residente que estava mais a frente. A nossa profissão tem historicamente, muito engajamento em diversas lutas sociais, apoiando a inserção de trabalhadores, usuários e familiares em movimentos como a luta por direitos de pessoas com deficiência, representatividade e ampliação políticas públicas direcionadas às populações vulneráveis (OLIVEIRA e FERIGATO, 2019).

Terapeutas ocupacionais têm sido convocados a se aproximarem de casos de violência de gênero. Oliveira e Ferigato (2019), trazem em sua pesquisa o quanto há na rede de ABS, demandas para terapeutas ocupacionais que incluem a violência doméstica, mas que não chegam de modo específico. As demandas se constroem devido aos reflexos da violência, como por exemplo, sofrimentos psíquicos, uso abusivo de SPA's, agressões físicas, morais ou psicológicas. É a partir dessas outras situações de seu cotidiano, que a mulher vítima de violência, tem chegado para a nossa profissão. Nesse estudo, Oliveira e ferigato concluem que:

“a profissão possui potencial para desenvolver tecnologias sociais e de cuidado que auxiliem mulheres a se perceberem em situação de violação de direitos e conseqüentemente proporcionar estratégias para seu fortalecimento individual e coletivo, rompendo o ciclo da violência por meio da criação de condições concretas de reconstrução/transformação de seu cotidiano” (OLIVERIA e FERIGATO, 2019)

A terapia ocupacional é procurada principalmente quando há uma impossibilidade da pessoa seguir com suas atividades cotidianas, que em grande parte, estão relacionadas a convivências grupais. Estamos inseridos em nossa vida, em diversos grupos de convivência como família, trabalho, igreja, escola, entre outros (MAXIMINO e LIBERMANN, 2015). Desse modo, o grupo para a terapia ocupacional pode se configurar com um dos principais dispositivos do processo terapêutico.

No grupo, o terapeuta ocupacional deverá estar sempre atento ao cuidado de cada um, possibilitando trocas, realizando mediações e criações, com objetivo de, em algum momento, não ser mais tão necessário para os frequentadores.

Libermann traz que a terapia ocupacional é “uma profissão sensível aos traços, pistas, desejos e memórias de cada um.” (MAXIMINO e LIBERMANN, 2015, p.8).

A oficina "círculo de mulheres", em determinado momento do segundo semestre, precisa ser pausada devido minha saída do serviço por um mês, para atuar em outro campo. Porém, era combinado com a terapeuta ocupacional do serviço, que já estava compondo o grupo, a realização de um encontro dentro desse mês.

Em meu retorno ao serviço, consigo participar e construir juntamente com a equipe, a finalização da oficina, que ocorre no mesmo dia em que finalizo esse trabalho. Foi realizado uma confraternização entre todas as mulheres do serviço, conversamos sobre cada oficina, trazendo também a oficina de horta, que acontecia com as mesmas mulheres do círculo. Com aspecto de despedida, trocamos sobre como cada uma se modificou, desde o início do ano, até o momento, trazendo muito a potência de transformação e acolhimento de um círculo de mulheres.

Esse cenário de pandemia que se instalou desde 2020, produziu diversos desafios e experiências singulares, como já discutimos neste trabalho. No Centro de Convivência Rosa dos Ventos em específico, são realizadas diversas reuniões e discussões para decidirem quais conviventes permanecerão frequentando o serviço, determinando alguns critérios para selecionar aquelas que mais precisavam estar no serviço naquele momento. Desse modo, pessoas que enfrentam mais dificuldades no ambiente familiar, que estavam mais vulneráveis, ou estavam de alguma forma com questões que se agravaram neste período, foram priorizadas.

O portão do serviço, por recomendação da vigilância, permaneceu trancado, para melhor controle de entrada, e, com atividades individuais e virtuais, o ceco permaneceu em funcionamento durante a pandemia. Esse período foi extremamente desafiante para um serviço que tem como objetivo central a promoção da convivência. Estratégias foram pensadas para desenvolver as formas de convivência possíveis em tempos de distanciamento físico. O meio virtual passou a ser utilizado com mais frequência, possibilitando uma certa aproximação.

Houve um aumento significativo do uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs), diversas pessoas começaram a trabalhar em casa, realizando

aulas, reuniões e conferências através de plataformas virtuais. (Gomes; De Araujo, 2020) No Ceco, não foi diferente, *Whatsapp*, *Google meet* e *Zoom*, foram as plataformas mais utilizadas nesse período, reuniões, aulas, oficinas, atendimentos e encontros online se tornaram comuns, assim como serviços e salas vazias.

No Ceco, houve muitas mudanças e arranjos para que se fizesse possível o acesso dos conviventes ao conteúdo gravado. Além dos tópicos já citados para atividades presencial, a dificuldade de acesso a internet também foi um balizador, dessa forma, podíamos convidar as pessoas que não teriam acesso ao conteúdo produzido online, para realizar as atividades presenciais.

Recordo de ter chegado para as oficinas com muito entusiasmo, pois uma das minhas maiores expectativas no campo era poder vivenciar grupos novamente. Além de mim, a equipe do Ceco também tem suas primeiras experiências com o grupo pós flexibilização, e isso é intensamente discutido nessas semanas. Em conversas de corredor e nas reuniões de equipe, discutimos a necessidade de se atentar melhor às normas sanitárias, que em alguns momentos da oficina poderiam passar despercebidas.

Diante disso, algumas estratégias foram pensadas para que conseguíssemos realizar o grupo de forma segura: não compartilhar itens durante a oficina, limitar o número de pessoas, medir temperatura na entrada, distanciar as cadeiras, permanecer de máscara durante toda a oficina e incentivar o uso do álcool em gel no decorrer da atividade. Porém, no momento em que a oficina realmente acontece, se tornou um desafio seguir tudo à risca.

Porém, essa crise também proporcionou uma potencialização na utilização dessas tecnologias, tornando possível diversas experiências que no presencial não aconteceriam. Transmissões ao vivo possibilitaram novas trocas com pessoas de qualquer lugar do mundo, novos encontros e entretenimento foram descobertos. (GOMES e ARAÚJO, 2020) A gestora do serviço, Juliana Aleixo, traz em sua tese de doutorado um pouco sobre esse período:

“A impossibilidade de estarmos juntas se impôs acima de qualquer desejo ou expectativa. Não houve escolhas. Era preciso pausar. Retiramo-nos de nós mesmas. Afastamento, isolamento, distanciamento, palavras desgastadas nesse momento que vivemos. O sofrimento pela separação dos corpos nos foi dolorido.” (ALEIXO, 2021)

Nesse mundo virtual que os encontros resistem, produzindo apoio, amparo, ancoragem, acolhimento, conexões de vínculos que atravessaram os muros do Centro de Convivência. E, ao final, as forças que promoveram a separação também nos aproximaram (ALEIXO, 2021).

Vale ressaltar nesse trabalho, a importância que o serviço de saúde mental teve para essas mulheres, e também o quanto é importante que esses serviços pautem pautar questões sociais, trazendo visibilidade principalmente em questões de gênero que permeiam o adoecimento psíquico. Para Zanello, Fiuza e Cota (2015), essa discussão permite refletir o quanto a loucura e os sintomas podem ter aspectos engendrados e podem ser intensificados com a naturalização dessas questões sociais e de gênero. Eles trazem que:

"Ao se questionar essa prática retificadora, a articulação com a análise das relações de gênero nos autoriza a desconstruir um discurso cientificista e nos permite restituir as vozes dos ditos loucas e loucos, escutando as especificidades da cultura nessas falas (ZANELLO, FIUZA e COSTA, 2015 p. 240).

### **Considerações finais**

A partir desse trabalho, conseguimos observar e discutir acerca de diversas particularidades que as mulheres tiveram que lidar e enfrentar durante a pandemia. No centro de convivência, foi possível perceber o quanto foi potente existir um espaço de cuidado em saúde mental, que preza pela diversidade, e é composto por profissionais mulheres que acolhem e trocam com tantas outras.

Embora tivéssemos vagas limitadas para cada oficina, durante cada encontro, recebemos diversas devolutivas positivas. Além disso, na finalização da última oficina, uma das mulheres que participou de todas as oficinas ofertadas, trouxe uma outra percepção de si ao decorrer dos encontros, dizendo muito sobre um fortalecimento dela como mulher.

Esses espaços foram por vezes, muito potentes para mim também. Junto com cada mulher ali, enfrentei e compartilhei diversos desafios e vivências, aprendi com elas, na prática, sobre acolhimento, grupos de mulheres, resiliência, vida e autoconhecimento. Me identifiquei com textos, falas e vivências, me vi e vi outras

mulheres que estão em minha vida, em nossas discussões. Minha experiência, nesse serviço, com essas mulheres, foi com certeza uma das coisas mais belas que a residência poderia me proporcionar. Gratidão.

## REFERÊNCIAS

ALEIXO, J. M. P. **Centro de convivência e atenção psicossocial: invenção e produção de encontros no território da diversidade.** Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2016. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136122/aleixo\\_jmp\\_me\\_assis.pdf](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136122/aleixo_jmp_me_assis.pdf)> Acessado em 29 ago. 2021.

ALEIXO, J. M. P.; DE ARAÚJO LIMA, E. M. F. **Invenção e produção de encontros no território da diversidade: cartografia de um Centro de Convivência.** Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 25, n. 3, 2017. Disponível em: <<http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1695>> Acessado em 29 ago. 2021.

ALEIXO, J. M. P. **Dança, corpo e produção de subjetividades: atenção psicossocial e seus territórios de criação.** Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/204318>> Acessado em 29 ago. 2021.

BRASIL, 2020. **Painel de dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos.** Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ODNH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh/ONDH-2020SM01>> Acessado em 30 ago. 2021.

BRASIL, 2020. **Saúde Universal e a Pandemia – Sistemas de Saúde Resilientes.** Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/54862>> Acessado em 28 set. 2021.

BARROSO. et al. **A saúde do trabalhador em tempos de COVID-19: reflexões sobre saúde, segurança e terapia ocupacional.** Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF2091>> Acessado em 28 set. 2021.

CRISS, F. **Os três Cabelos de Ouro.** O Meu Melhor Modo de Ser. Abril, 2012. Disponível em: <<https://meumelhormododeser.com/2012/04/03/os-tres-cabelos-de-ouro/>> Acessado em 28 set. 2021.

Blanke, C. et al. **Dragon Dreaming: Desenho de Projectos**. Version 2.09. [S.l], 2014. E-book. Disponível em: <[https://dragondreamingbr.org/wp-content/uploads/dragon\\_dreaming\\_eBook\\_guia\\_pratico.pdf](https://dragondreamingbr.org/wp-content/uploads/dragon_dreaming_eBook_guia_pratico.pdf)>. Acessado em 9 dez. 2021.

FERIGATO, S. H. **Cartografia dos centros de convivência de Campinas: produzindo redes de encontros**. 320 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/98240>> Acessado em 20 set. 2021

FARIAS, M. N.; LEITE, J. D. **Vulnerabilidade social e Covid-19: considerações com base na terapia ocupacional social**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]. 2021, v. 29. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2099>> Acessado em 20 set. 2021

FARIAS, A. Z. **Expressões das violências de gênero no cotidiano de terapeutas ocupacionais no campo da saúde**. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14686>> Acessado em 28 set. 2021

GALLETTI, M. C. **Oficina em Saúde Mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?**. Goiânia: Ed. da UCG, 2004 Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=PGxZiIWSu54C&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_vpt\\_read#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=PGxZiIWSu54C&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_vpt_read#v=onepage&q&f=false)> Acessado em 22 ago. 2021

FERREIRA, K. P. M. et al . **Social distancing and environmental stressors in homes during times of COVID-19: an Environmental Psychology perspective**. Estud. psicol., Natal, v. 25, n. 2, p. 210-221, jun. 2020. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X202000020011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X202000020011&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em 10 nov. 2021.

GOMES, V. L. A.; DE ARAÚJO, A. C.. **Oricon-line: temas e perspectivas em debate para pensar o lazer em tempos pós-pandemia**. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 23, n. 3, p. 289-308, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25436>> Acessado em: 10 nov. 2021

LOPES, R. E.; LEÃO, A. **Terapeutas ocupacionais e os centros de convivência e cooperativas: novas ações de saúde**. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 13, n. 2, p. 56-63, 2002. Disponível

em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13897/15715>> Acessado em: 28 ago. 2021

MARQUES, E. S. et al. **A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19**: panorama, motivações e formas de enfrentamento. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. e00074420, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2020.v36n4/e00074420/pt>> Acessado em 30 set. 2021

MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F.. **Grupos e Terapia Ocupacional**: formação, pesquisa e ações – São Paulo: Summus, 2015. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5012691/mod\\_resource/content/1/Grupos%20e%20Terapia%20Ocupacional-Livro%20completo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5012691/mod_resource/content/1/Grupos%20e%20Terapia%20Ocupacional-Livro%20completo.pdf)> Acessado em 1 dez. 2021

OLIVEIRA, M. T.; FERIGATO, S. H. **A atenção às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar**: a construção de tecnologias de cuidado da terapia ocupacional na atenção básica em saúde. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 27, n. 3, p. 508-521, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/99tmk3n6WhsMjcWHjMZVMGK/?lang=pt&format=pdf>> Acessado em 30 set. 2021

PIRES, L. N.; CARVALHO, Laura; XAVIER, L. L. **COVID-19 e desigualdade**: a distribuição dos fatores de risco no Brasil. Experiment Findings, v. 21, 2020. Disponível em: <<https://ondasbrasil.org/wp-content/uploads/2020/04/COVID-19-e-desigualdade-a-distribui%C3%A7%C3%A3o-dos-fatores-de-risco-no-Brasil.pdf>> Acessado em 12 nov. 2021

Pesquisa nacional de saúde: 2013. **Acesso e utilização dos serviços de saúde, acidentes e violências**: Brasil, grandes regiões e unidades da federação / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento – Rio de Janeiro : IBGE, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf>> Acessado em 12 nov. 2021

ZANELLO, V.; FIUZA, G.; COSTA, H. S.. **Saúde mental e gênero**: facetas gendradas do sofrimento psíquico. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, p. 238-246, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/7ZzRG6HkzvbGYj35qZXNzyP/?lang=pt&format=pdf>> Acessado em 8 dez. 2021